

IMPRESSÕES

ITINERANTES



IMPRESSÕES

ITINERANTES

UMA (rara) EDITORA DE IMAGENS SERIGRÁFICAS: REILA GRACIE

A serigrafia é, na origem, uma técnica de impressão praticada milenarmente no Oriente. O mundo ocidental só começa a se interessar por esta técnica no final do século XIX e mesmo assim apenas no âmbito industrial.

No século XX a serigrafia passou a ser utilizada no campo editorial e, depois, no publicitário. O desenvolvimento da serigrafia enquanto meio de expressão artística só ocorreu depois da II Guerra Mundial de modo que, na perspectiva da arte ocidental, ela é uma técnica que recentemente ampliou as possibilidades da expressão gráfica. Assim, a serigrafia na segunda metade do século XX passa a ser praticada por um conjunto de artistas de grande expressão tais como: Arp, Vieira da Silva, Vasarely e Warhol.

No Brasil a serigrafia como expressão artística vai ser experimentada apenas na segunda metade dos anos 50. Neste momento, foi decisiva a atuação de Mário de la Parra que, pioneiramente, interpretou em técnica serigráfica obras de artistas brasileiros tais como Portinari, Di Cavalcanti, Djanira, Marcier, Maria Leontina, Milton Dacosta, Iberê Camargo, Volpi, Bandeira, Krajcberg, Ione Saldanha e Aluísio Carvão.

A produção de Mário de la Parra nos anos 50 foi tão importante para o desenvolvimento da serigrafia enquanto processo gráfico de produção de obras de arte quanto a de Dionísio Del Santo nos anos 60/70 - um notável artista plástico que em paralelo à construção de uma obra gráfica própria atuou na produção de obras serigráficas para outros artistas brasileiros.

Nos anos 80 e 90 Reila Gracie - editora e impressora de imagens serigráficas - desenvolveu um trabalho de grande envergadura. Desde 91 produziu na EAV (por enquanto) imagens de 36 artistas brasileiros contemporâneos. E mais: propõe-se a fazê-las circular pelo país - continente expondo não só no Rio de Janeiro, onde foram produzidas mas também em Florianópolis, Porto Alegre, João Pessoa, Ouro Preto, Belo Horizonte, Curitiba e Brasília.

Apresentando 60 obras com formatos e funções diferenciadas – destacando-se os 24 cartões de 15 diferentes autores que resgatam uma vasta (e pouco estudada) prática dos artistas plásticos brasileiros – Reila Gracie está promovendo, sem dúvida, uma difusão destas modalidades de expressão gráfica, num país de tantas restrições à produção visual contemporânea. Não dá para discutir: Reila Gracie é uma editora de imagens serigráficas de seu tempo e de seu espaço. Felizmente.

George Kornis - Professor de História e Teoria da Gravura



Esta exposição é o resultado de um trabalho que vem sendo desenvolvido do atelier de arte serigráfica na Escola de Artes Visuais do Parque Lage (EAV). Foram convidados artistas de diferentes gerações, reconhecidos pela trajetória e continuidade do trabalho, para mostrar através de suas diferenças um leque abrangente das possibilidades de expressão em serigrafia.

A importância do desenvolvimento deste projeto é permitir que seja privilegiado o caráter experimental da produção, uma vez que possibilita ao artista desenvolver um trabalho de pesquisa acompanhado de uma assessoria técnica, dispondo de um tempo, que em outra circunstância, como num espaço de caráter comercial, tornar-se-ia inviável pelo alto custo de manutenção da infra-estrutura do atelier.

A EAV, destaca-se pelo pioneirismo de ter aberto suas portas para este projeto, dando a sua contribuição para incentivar o uso da linguagem serigráfica e proporcionar a um número maior de artistas o acesso a esta forma de expressão.

Eu, como editora, produtora e impressora, vejo o meu trabalho como um reflexo do meu desejo, da minha curiosidade e de uma filosofia que foi se estruturando com o tempo. Nada acontece aleatoriamente, pois faz parte de um processo onde há uma intenção prévia, muitas vezes impulsionada apenas pela intuição.

Quando criança, fascinava-me o processo de transformação das coisas. Observava com frequência minha avó cozinhando ou envolta por seus panos e novelos no quarto de costura. Era admirável a sua habilidade manual e toda aquela magia que a rodeava; onde gosmentas claras de ovos agitadas por um rudimentar aspiral de arame transformavam-se em neve e posteriormente em pão-de-ló ou suspiro. Retalhos de tecidos costurados tornavam-se colchas e novelos coloridos em sapatinhos de recém-nascidos. Passei a entender a vida como um processo de montagem de um jogo de quebra-cabeça imaginário que ao tomar corpo transforma-se no objeto do desejo de quem faz, de quem vê ou de quem experimenta.

A gravura, especificamente impressa em serigrafia que é a técnica a que me dediquei a aprender por achar a mais contemporânea das técnicas gráficas artesanais, pela sua agilidade e riqueza de recursos, transportou-me de volta a este universo de imagens lúdicas da infância, sendo que inserida numa abordagem muito mais complexa e subjetiva.

A relação que cada pessoa estabelece com aquilo que faz reflete o seu próprio grau de exigência. Como impressora, minha exigência vai um pouco além do ato mecânico de imprimir. É fundamental que haja uma sintonia e uma integração com o artista durante o processo de trabalho. É um momento onde o artista se revela e o impressor transforma-se num instrumento para a projeção da imagem, porque é ele, impressor, quem vai fornecer as possibilidades de traduzir a idéia ou a imagem já elaborada para a técnica utilizada. Quanto mais sensibilidade o impressor tiver da expectativa do artista quanto ao resultado desejado e quanto mais intimidade com os elementos e as cores que este utiliza, mais ele poderá auxiliá-lo a elevar a qualidade desta transposição, alcançando assim o ideal pretendido.

Considero o trabalho de impressor pertencendo à categoria de sofisticada artesanaria, pois este deve ter como objetivo alcançar cada vez mais o aperfeiçoamento e o domínio da técnica, enquanto o artista busca a criação, o desenvolvimento e o aprimoramento de uma linguagem.

O ciclo da gravura, começa no atelier do artista, passa pelo processo de impressão onde a imagem é dissecada tornando cada cor um fragmento isolado e depois recomposta por sucessivas sobreposições. A gravura, uma vez pronta, tornar-se-á pública. Seja qual for o local onde permanecerá exposta interferirá no cotidiano de um grande número de pessoas.

A obra de arte tem vida própria.

Artistas da Coleção de Gravuras

Anna Bella Geiger
Anna Maria Maiolino
Artur Barrio
Beatriz Milhazes
Burle Marx
Carlos Scliar
Celeida Tostes
Cildo Meireles
Cláudio Kuperman
Cristina Salgado
Djalma Paiva
Joao Atanasio
João Carlos Goldberg
João Grijó
João Magalhães
Katie van Scherpenberg
Luiz Alphonso
Luiz Áquila
Luiz Ernesto
Lygia Pape
Manfredo de Souza Netto
Paulo Paes
Ricardo Basbaum
Simone Michelin
Suzana Queiroga
Tomoshige Kosuno

Artistas da Coleção de Cartões

Abelardo Zaluar
Aldemir Martins
Amélia Toledo
Anna Bella Geiger
Antonio Henrique Amaral
Beatriz Milhazes
Carlos Scliar
Cildo Meireles
Cristina Salgado
Giodana Holanda
Gianguido Bonfanti
Glauco Rodrigues
Guilherme Secchin
Iberê Camargo
João Carlos Goldberg
Luiz Alphonso
Malu Fatorelli
Manoel Fernandes
Mô Toledo
Mollica
Nelson Augusto
Roberto Magalhães
Rubens Gerchman
Simone Michelin

A Secretaria de Estado da Cultura de Minas Gerais e
A Fundação Clovis Salgado
promovem a exposição

IMPRESSÕES ITINERANTES

no Palácio das Artes
Sala Genesco Murta

Abertura

dia 04 de setembro às 20 hs.

de 04 a 26 de setembro de 1996
terça a domingo, de 9 às 21 horas.

Workshop - João Grijó e Reila Gracie
de 23 a 27 de setembro de 14 às 17 horas
na Fundação de Arte de Ouro Preto (FAOP).

Palácio das Artes

Av. Afonso Pena 1537
Centro - Belo Horizonte



ESCOLA DE ARTES VISUAIS DO PARQUE LAGE
PROJETO - REILA GRACIE

Realização

 FUNDAÇÃO
CLÓVIS
SALGADO

 FUND. CLÓVIS SALGADO
FUND. CLÓVIS SALGADO
PALÁCIO DAS ARTES

SECRETARIA
DE ESTADO
DA CULTURA

 GOVERNO DE
MINAS
GERAIS

Apoio

 extra
SUPERMERCADOS

 FACULDADES
INTEGRADAS
NEWTON PAIVA

 **BLINDEX**
VIDROS DE SEGURANÇA



 **VERGRAF**
ESTUDIO GRAFICO
E EDITORA LTDA.